

SESSÕES DO PLENÁRIO

50ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 18 de setembro de 2017.

PRESIDENTE: DEPUTADO ZÓ (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Zó):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em comemoração aos 100 Anos da Revolução Russa, proposta pela Bancada comunista aqui na Assembleia Legislativa, o Sr. Deputado Líder Fabrício Falcão, Sr. Deputado Bobô e eu. Tenho a honra de abrir os trabalhos, mas queria primeiro convidar o nosso Líder da Bancada, deputado Fabrício Falcão, que irá conduzir a Mesa. (Palmas)

Queria convidar o Sr. Deputado Marcelino Galo, com muita honra, agradecendo pela presença; o Sr. Deputado Federal e presidente do nosso Partido PCdoB Davidson Magalhães; o Sr. Deputado Federal Daniel Almeida; registro também a ausência da Srª Deputada Federal Alice Portugal, que tem reunião do comitê central, em Recife, e deixou um abraço a todos os comunistas e todas as comunistas; a Srª Secretária do Trabalho Emprego e Renda Olívia Santana; a Srª Prefeita Cecília, de Itiúba; o Sr. Presidente Estadual da CTB Pascoal Carneiro; a Srª Presidente Estadual da União Brasileira de Mulheres, UBM, Natália Gonçalves; a Srª Presidente Nacional da Unegro Ângela Guimarães; o Sr. Presidente do Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos e Luta pela Paz, Cebrapaz, Antônio Barreto, o nosso Barretinho; o Sr. Presidente da União dos Estudantes da Bahia Natan Ferreira; com muita honra também convido o Sr. Presidente da Fundação Maurício Grabois, ex-presidente nacional do nosso Partido, querido Renato Rabelo. (Palmas)

Ele disse que era para eu conduzir a sessão, mas obedecendo a liturgia do cargo, passo a presidência ao Líder da Bancada Fabrício Falcão.

(Pausa)

O Sr. PRESIDENTE (Fabrício Falcão):- Bom dia a todos.

Antes de mais nada, quero saudar a todos que estão presentes nesse momento importante para nós comunistas. Cheguei com um pouco de atraso porque o meu voo demorou quase uma hora para sair do tempo normal, mas estou já aqui com vocês.

Convido a todos para ficarem de pé para escutarmos o Hino Nacional neste momento.

(Apresentação do Hino Nacional.)

O Sr. PRESIDENTE (Fabrício Falcão):- Solicito ao deputado Zó que presida a sessão para que eu faça uso da palavra.

O Sr. PRESIDENTE (Zó):- Convido o deputado Fabrício Falcão para fazer uso da palavra como proponente da sessão.

O Sr. FABRÍCIO FALCÃO:- Bom dia a todos.

Antes de mais nada, quero saudar a Bancada do PCdoB na Assembleia; o deputado Zó; deputado Bobô que não pode estar presente porque já estava com outra atividade para este momento e por isso houve choque de agenda, mas está aqui representado também; o deputado Marcelino Galo, do Partido dos Trabalhadores; o deputado Davidson Magalhães, presidente estadual do PCdoB; o deputado federal Daniel Almeida; Renato Rabelo, ex-presidente do PCdoB, hoje presidente da Fundação Maurício Grabois; a prefeita Cecília, de Itiúba; Pascoal Carneiro, presidente estadual da CTB; o Sr. Antônio Barreto, Barretinho, do Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos e Luta pela Paz; Ângela Guimarães, presidente da Unegro; Natália Gonçalves, da UBM; e Natan Ferreira, da União dos Estudantes da Bahia.

Amigos e amigas, para nós é de uma importância muito grande trazer a este Parlamento baiano a discussão sobre um dos maiores acontecimentos da história da humanidade. No mundo, de tempos em tempos, ocorrem acontecimentos que acabam entrando para a história como fatos que jamais poderão ser esquecidos ou retirados dos livros de História pelo mundo afora. Podemos falar da Revolução Francesa; da Revolução Chinesa, quando Mao assumiu o poder através do Partido Comunista da China; e de outros acontecimentos como, por exemplo, quando o homem foi à lua.

Mas a Revolução Russa, de 1917, foi o fato mais importante para a história da humanidade. Ali aconteceu um processo de divisão onde o povo trabalhador pôde assumir o poder central de um país que, naquela época, era o mais populoso da Europa, com cerca de 170 milhões de habitantes. Possuía um regime monárquico cruel, os trabalhadores eram tratados da forma mais cruel que podemos imaginar. Um país gigantesco, territorialmente. A Rússia, sozinha, tem o território duas vezes e meio maior do que este imenso país chamado Brasil. Para vocês terem uma ideia do tamanho da dimensão territorial da Rússia.

Um país gigante em população, mas com 90% do seu povo vivendo na mais completa miséria e no obscurantismo do analfabetismo. Cerca de 92% do povo russo era analfabeto. Um país que tinha sua economia totalmente baseada na agricultura de subsistência e um regime ditatorial através da monarquia czarista Romanov, que dominava o país. Ali tivemos o primeiro processo de revolução dos povos no mundo, onde um grande líder comandou a mudança de um regime brutal de exploração do homem pelo homem para o primeiro regime existencial de socialismo real, que foi a implantação do regime socialista na Rússia. Depois, foi constituído a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Então, é muito importante debatermos, neste ano, os 100 anos da Revolução Russa.

Também tive o prazer de estar num seminário como este na Fundação Maurício Grabois, em São Paulo, há cerca de 3 meses. Estamos aqui, na Casa do Povo, fazendo este debate para mostrar que o socialismo vive e está no coração de todos aqueles que lutam contra a opressão no mundo. Este ano – não quero demorar na minha fala –,

estaremos comemorando os 150 anos do Capital. Também deveremos debater pelo Brasil afora, trazer para esta Casa o debate com economistas progressistas para discutirmos o impacto do capital sobre o mundo e o capital nos dias de hoje. Inclusive, quando Marx falava sobre o capital ser o homem, é a fase que vivemos hoje. O homem já não é mais necessário ao capital, pois as máquinas substituem os seres humanos na produção econômica, não só aqui como no mundo todo.

Inclusive, estudos mostram que o Brasil, hoje, tem cerca de 54% dos seus postos de trabalho que já não são mais necessários, podendo ser substituídos por máquinas. Um trator substitui até 300 pessoas na agricultura, na lavoura. Trezentos trabalhadores foram substituídos por um trabalhador e uma máquina.

Pois bem, esse mesmo trator de hoje, Marcelino, que substituiu 300 trabalhadores por um trabalhador numa produção, hoje, também já é dispensável, porque se criou um trator agrícola que faz o trabalho sem precisar do homem. Ou seja, ele é totalmente automatizado, não precisa sequer mais de ter um homem para guiá-lo na lavoura. É a extinção completa do trabalho, que está sendo mudado pelas máquinas.

Que mundo é esse que temos, que mundo é esse que vivemos? E como será essa sociedade, não tão distante de agora, com os homens sendo substituídos pelas máquinas? Quero ver quem vai manter o capital se não tiver consumo e pessoas trabalhando. Deveremos, esse ano, discutir essa tão importante obra para a humanidade que é “*O capital*”.

Quero me despedir, parabenizando a Bancada do PCdoB e a todos vocês aqui presentes por estarem nesta sessão importante no dia de hoje.

Meu forte abraço. Viva a Revolução. Fora Temer!

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Fabrício Falcão):- Concedo a palavra ao deputado Zó, também proponente desta sessão.

O Sr. ZÓ:- Saudações socialistas a todos e todas, é uma honra estar aqui depois de 32 anos militando no Partido Comunista do Brasil, propondo, construindo e podendo falar num dia tão especial, numa sessão que comemora o maior feito, na minha opinião, da política no mundo, que é a Revolução Russa. Essa Revolução era esperada nos países da Europa, nos países mais avançados do primeiro mundo, mas surgiu num país semifeudal como a Rússia.

Quero saudar o amigo Fabrício Falcão, agradecer ao deputado Marcelino Galo por prestigiar esta sessão proposta pelo nosso partido, tenho certeza que também é abraçada por diversos companheiros dos partidos aqui, amigos do nosso partido.

Quero saudar o deputado Daniel Almeida; o nosso presidente da Fundação Maurício Grabois, Renato Rabelo; a nossa prefeita Cecília, do sertão, do semiárido baiano; Pascoal, presidente da CTB; os companheiros da luta sindical – agradecer pelo apoio às lutas sindicais na nossa região, no Brasil e na Bahia –; Ângela, presidente da Unegro; Natália, presidente da UBM; Natan Ferreira, presidente da

União dos Estudantes da Bahia; e o nosso presidente do PCdoB, Davidson Magalhães.

Naturalmente, com tantos professores aqui da política, que conhecem muito, são estudiosos da história do socialismo no mundo, da Revolução Russa, da nossa luta no Brasil nestes 95 anos de história.

Gostaria de render homenagem àqueles que construíram a história do nosso partido e que morreram na luta. Infelizmente, ainda vemos muita gente, principalmente na luta da terra, perdendo a vida em defesa dos interesses da população.

Temos aí representações dos negros, mulheres, da juventude e do movimento sindical. Quero mandar um grande abraço para aqueles que fazem a luta na base e que fazem manter-se viva a chama da luta do nosso partido.

Queria fazer o registro do nome de João Amazonas e deixar um grande abraço a todos. Não poderíamos esquecer daquele que é o mais importante dos nomes do nosso partido, e de todos que sucumbiram na Chacina da Lapa. Um abraço para o nosso querido Péricles. (Palmas) Sei que ainda tem muita gente para falar. Estamos na expectativa da fala de Renato, porque é um momento importante para nós.

A luta continua. Neste momento, queria somente fazer esses registros importantes e dizer que é uma honra poder estar aqui hoje e dizer que, com certeza, o socialismo vive, a luta continua e viva o PCdoB!

Um grande abraço. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Fabrício Falcão):- Quero convidar para compor a Mesa de honra a secretária de Políticas para as Mulheres, Julieta Palmeira, e, também, a grande camarada, vereadora de Salvador, Aladilce Souza. (Palmas)

Quero convidar o Exmº. Deputado Marcelino Galo, esse grande deputado do Partido dos Trabalhadores, para fazer o uso da palavra.

O Sr. MARCELINO GALO:- Quero saudar os proponentes da Bancada do PCdoB, os nossos companheiros Fabrício Falcão e Zó, saudando toda a Mesa nesta iniciativa fundamental, que rememora, celebra e traz esse debate, justamente, neste período da nossa história.

O capitalismo esgotou todas as suas potencialidades civilizatórias, por isso nunca foi tão atual dizer que é socialismo ou barbárie. O mundo passa por transformações ultraliberais. Então, é o momento histórico exato. Todos os militantes do PCdoB estão de parabéns por esta iniciativa, porque essa experiência da humanidade localizada na Rússia, na União Soviética, foi fundamental para a nossa sobrevivência.

Se não fosse a Revolução Russa, com certeza, não existiria a experiência cubana, a Revolução Cubana. Se não fosse a Revolução Russa, não existiria o Estado de bem-estar social na Europa. Se não fosse a Revolução Russa, não existiria a libertação nacional na África, na América Latina.

Então, esse evento é memorável, é um legado que nós temos que discutir. E não podemos permitir que ele seja apagado da história da humanidade. Hoje, aqui, é esse dia para celebrarmos a sobrevivência da Esquerda no mundo, porque naquele momento, antes da destruição, existia o lá, existia o outro mundo, que era a nossa referência e a que nós deveríamos reverenciar e também nos juntar. Claro que temos críticas, e a crítica é fundamental. Mas, muito mais do que o trágico, o épico é que temos que rememorar.

Temos aqui, hoje, esse grande dia de dizer: viva a Revolução Russa! É socialismo ou é a barbárie! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Fabrício Falcão):- Neste momento, ouviremos a palavra do presidente da Fundação Maurício Grabois, Renato Rabelo, pelo tempo de 30 minutos. Mas, antes, ouviremos a execução da Internacional Comunista com o cantor Wadson Calasans.

Vamos ficar todos de pé para escutar a Internacional Comunista com o grande músico Wadson Calasans.

(Execução da Internacional Comunista.)

O Sr. PRESIDENTE (Fabrício Falcão):- Gostaria de registrar as presenças dos ex-deputados estaduais: Álvaro Gomes, Vandilson Costa e Javier Alfaya, do PCdoB, também aqui, Geraldo Galindo, vice-presidente estadual do PCdoB.

Neste momento, concedo a palavra ao presidente nacional da Fundação Maurício Grabois, o Exmº. Sr. Renato Rabelo, para usar a palavra pelo tempo de até 30 minutos ou mais um pouco se ele precisar.

O Sr. RENATO RABELO:- Bom dia camaradas, amigos, a minha saudação ao Líder do PCdoB, Jean Fabrício, proponente desta sessão solene comemorativa ao centenário da Revolução Russa, e a nossa Bancada do PCdoB aqui na Assembleia, deputados Zó e Bobô, queria também cumprimentar nesta Mesa o presidente do Partido Comunista do Brasil aqui no Estado da Bahia, o nosso companheiro Davidson Magalhães, e em nome das mulheres aqui presentes também nessa Mesa, que muito nos abrilhantam, a companheira Olívia Santana, através da qual também cumprimento e homenageio todas as mulheres aqui presentes. (Palmas)

Camaradas e amigos, esse ato comemorativo tem um significado enorme para os comunistas, para o PCdoB e para os amigos do progresso social, do avanço civilizacional.

O PCdoB é filho herdeiro de toda a história da Revolução Russa. Aliás, a própria existência do PCdoB faz parte do legado desse grande empreendimento revolucionário. E foi exatamente a partir daí, com a existência do PCdoB, a partir de 1922, que se conseguiu inserir pela primeira vez a luta política no âmbito do jovem movimento operário no Brasil.

Gostaria, exatamente nesse momento, de homenagear esse grande ideólogo do nosso partido João Amazonas; o nosso destacado dirigente partidário Maurício

Grabois, que dá nome à nossa fundação. Gostaria também de homenagear Pedro Pomar, Diógenes Arruda, e em nome do Osvaldão, homenagear todos os heróis e mártires que deram suas vidas pela revolução. (Palmas)

Camaradas e amigos, companheiros e companheiras, o século XX é marcado pelo nascimento do socialismo. Se diz que o socialismo morreu no século XX, ao contrário; o socialismo nasce no século XX e marca o século XX. Já começo por aí.

A afirmação da perspectiva socialista não se trata apenas de um desejo subjetivo. Não é porque eu quero, porque vocês querem o socialismo. O socialismo está respaldado em condições históricas concretas. É uma exigência da história, não é uma questão puramente subjetiva.

As forças da produção atingem um patamar gigantesco nunca visto, embasadas no desenvolvimento moderno da ciência, tecnologia e inovação. Começamos a viver, é assim que se diz hoje, a quarta revolução industrial, cujo centro ou componente principal dessa revolução é a inteligência artificial. Nem imaginamos o desdobramento e a rapidez disso.

No entanto, as relações de produção capitalista e o seu princípio distribuidor da riqueza vão sendo cada vez mais impotentes, a fim de transformar essa imensa capacidade produtiva e de riqueza em proveito de toda humanidade. Em contraste, é um paradoxo. A verdade é que o sistema capitalista crescentemente concentrador – é isso que é o capitalismo hoje – gera as mais extremadas desigualdades sociais, sobretudo a partir da crise do capitalismo em 2008.

Thomas Piketty, exatamente esse francês que, recentemente, em sua obra *O Capital no Século XXI*, demonstra como o capitalismo aprofunda a desigualdade, uma desigualdade nos seus extremos. O que marcou o século XX, portanto, foi o nascimento do socialismo. Do nosso ponto de vista, a Revolução Soviética, foi a primeira experiência histórica de estruturação continuada de um sistema alternativo ao capitalismo, em circunstâncias históricas, particulares e excepcionais. É bom a gente frisar isso: a Revolução Soviética compreendeu um período excepcional. Vou desenvolver um pouco essa questão.

As novas formações políticas, econômicas e sociais de uma nova época, como modos fundamentais de produção na evolução histórica da humanidade, para prevalecerem e terem sua continuidade e consolidação, em um tempo histórico determinado, realmente não se realiza num período curto e diretamente. Não é iminente a queda do capitalismo, o capitalismo já vai a mais de 600 anos na cena da história, embora, objetivamente, é crescente a incapacidade do capitalismo de responder e resolver, em verdade, os graves impasses que vive, hoje, a humanidade. Grandes impasses, portanto, produtos do próprio sistema capitalista que impede o próprio avanço civilizacional.

A Revolução Soviética, camaradas e amigos, e a construção do socialismo se desenvolveram em um período excepcional: entre duas guerras. Ou seja, a Revolução de Outubro, na Rússia, já foi produto do desdobramento da I Guerra Mundial que se desenvolveu, também, em circunstâncias muito particulares. Socialismo em um só

país e relativamente atrasado o país em que desabrocha esse empreendimento revolucionário socialista.

Marx previa que o socialismo começaria e desabrocharia nos países capitalistas mais avançados. É lógico, você tinha que ter uma base material mais desenvolvida, porque o socialismo é um modo de produção e de relações de produção superior ao capitalismo, é lógica essa compreensão de Marx. Mas, não, o socialismo surge em países capitalistas relativamente atrasados. Então, surgem condições excepcionais no meio de duas grandes guerras, surge num país só, e num país relativamente atrasado.

Portanto, é importante nós situarmos esses aspectos particulares, singulares, excepcionais daquele período histórico.

As bases e marcas legadas por esta revolução ao mundo no século XX são múltiplas e duradoras. É importante frisarmos desse legado do que foi a revolução socialista da União Soviética que introduziu na agenda política mundial, de forma abrangente e profunda, a questão social. Antes, essa questão social não era exatamente uma questão prioritária para os governos.

Externamente, o próprio socialismo levou, através de sua experiência, que o mundo capitalista, sobretudo na Europa, fosse ameaçado, entre outras, e levasse adiante o Estado de Bem-Estar Social. Isso produto da própria existência da revolução soviética. E se conseguiram, a partir daí, muitos direitos, e direitos básicos, para os trabalhadores, como também o desenvolvimento dos países dependentes, que antes eram países muito atrasados.

Sobretudo, quero destacar como grande feito desse empreendimento revolucionário a derrota e a desarticulação do bloco nazifascista. É emocionante ver aquela fotografia histórica de um soldado do Exército Vermelho hasteando a bandeira da União Soviética no Reichstag, em Berlim, sede do Parlamento da Alemanha. (Palmas) Quem primeiro entrou em Berlim foi o Exército Vermelho. Dois terços da máquina de guerra nazista já tinha sido derrotada.

A política externa, também, anti-imperialista da União Soviética contribuiu decisivamente para descolonização do sistema internacional após a Segunda Guerra Mundial.

O que quero salientar também, além desse imenso legado, é o debate das causas do colapso, que é um colapso singular, dessa experiência do socialismo na União Soviética.

É claro que temos estudado lições e caminhos, os caminhos alternativos que poderia se ter a essa situação, como evitar o desfecho. São questões que sempre o desenvolvimento comunista, progressista, avançado vem debatendo conforme o avanço do conhecimento, da experiência e da continuidade da luta.

Agora mesmo a nossa Fundação Maurício Grabois lançou, em março, num seminário em São Paulo, com a participação de convidados do exterior, comemorativo aos 100 anos da Revolução Russa, um livro, uma coletânea de 28 autores, que aborda legado, experiências e causas da derrota, portanto, dando uma grande contribuição, cujo título é *100 anos da Revolução Russa - legados e lições*.

Camaradas e amigos, não há resposta fácil e utópica para tratar do colapso do socialismo na União Soviética. Não se pode tratar essa questão de forma idealista, mas se faz necessário a metodologia eficaz e a análise concreta, assim pensamos, dos dilemas reais em função das circunstâncias históricas daquele acontecimento.

Discutir um empreendimento como esse, a sua contribuição, as suas vitórias e até o seu revés sem colocar isso no contexto histórico, sem ver, realmente, as circunstâncias históricas, é uma metodologia errada, falsa. Por isso mesmo nós temos procurado identificar, nessa análise das circunstâncias históricas, o caminho alternativo, viável, de edificação do socialismo, porque foi a primeira grande experiência, uma experiência de apenas 73 anos. Isso é um ensaio.

Eu tenho dito, companheiros e companheiras, de forma didática que os ideólogos do capitalismo, figuradamente, são geriatras; e os ideólogos do socialismo, figuradamente, são pediatras, porque o socialismo nasce, começa a desabrochar na cena da história. Essa é a compreensão e isso é a realidade.

A visão de Marx é importante ressaltarmos. Na *Crítica ao Programa de Gotha* diz ele: “O socialismo é um extenso período histórico da transição entre o capitalismo e o comunismo”, que é o objetivo maior. E o sistema socialista se desenvolve por etapas. Aliás, enfatizando muito essa questão das etapas. Todo desenvolvimento econômico e social se desenvolve por etapas. Quem dizia isso, afirmando essa questão, era Deng Xiaoping na China. Por isso mesmo, eu quero salientar que nessa visão de Marx o socialismo é um longo período histórico de transição ao comunismo.

Por isso mesmo, a partir do início da construção socialista, conta-se com o rescaldo da velha sociedade, sobretudo em sociedade de desenvolvimento mais atrasada. Resulta daí a adoção, ainda, de várias formas de propriedade, inclusive de formas capitalistas do regime mercantil e ainda da divisão social do trabalho. Ou seja, você alcançar um novo sistema econômico, político e social, o socialismo, que suplante o capitalismo, ele não vai passar um borrão em tudo que foi anterior, um borrão do capitalismo, e a partir daí surgir novinho em folha esse novo... Isso seria um grande idealismo. Por isso mesmo Marx diz que o socialismo surge das entranhas do capitalismo. E você, no início dessa experiência socialista, vai conviver ainda durante certo tempo com isso.

Segundo Marx, o princípio distribuidor da riqueza no socialismo é, simplesmente, de cada um segundo suas capacidades, e a cada um segundo seu trabalho. Isso é um princípio do direito burguês. Evidente que o capitalismo não faz isso exatamente, mas isso ainda é do direito burguês. Para vermos, portanto, que o socialismo vai atravessar ainda um período extenso em que o trabalho é o fator definidor, a quantidade e a qualidade do trabalho, evidentemente, vão definir a minha renda, o que eu vou receber. No comunismo já não seria isso. É toda uma questão em que já temos forças produtivas gigantescas, uma consciência social imensa, e além do seu trabalho, você receber também segundo as suas condições.

Por isso, companheiros e companheiras, durante muito tempo ainda é assim o socialismo. Chamo a atenção porque muitos têm a ideia de que o socialismo surgindo, pronto, as coisas mudariam, não teriam mais nada de capitalismo. Vejam

que os valores do capitalismo podem ir muito adiante, mesmo depois de uma revolução socialista. Isso é um processo que leva tempo.

Por isso mesmo, eu falaria um pouco do início dessa revolução na Rússia. Desde o nascedouro revolucionário, o poder soviético ficou entre duas vias alternativas, o que chamo de dilemas estruturais. Dilemas estruturais, no início do socialismo, seriam a realização da transição socialista. Quais são esses dois dilemas estruturais? Capitalismo de Estado, pregado por Lenin, e a partir daí ele defende a NEP, uma nova política econômica, como também uma outra alternativa, que seria uma espécie de comunismo de guerra permanente.

A NEP, o capitalismo de Estado proposto por Lenin, durou 6 anos como experiência inicial. Significava que seria um processo de socialização, portanto, gradual, articulada com diferentes estruturas econômicas e sociais. Era um processo gradativo.

O comunismo de guerra permanente, não; socialização acelerada, plena estatização, dirigismo político. Por que? Porque se invocava a excepcionalidade da época, como o próprio Hobsbawm dizia, uma época de revoluções, uma época de grandes guerras, um breve século XX, como diria ele. De fato, era um período histórico excepcional e muito particular. E prevaleceu, portanto, isso que chamamos de comunismo de guerra, com a socialização acelerada, estatização também etc.

Essa etapa foi necessária para a modernização rápida da União Soviética. Isso começou a partir de 1928, pelo primeiro plano quinquenal, consolidado na década de 30, e foi marcada, sim... Esse caminho de socialização acelerada, industrialização extensiva, foi que modernizou rapidamente a União Soviética. Isso foi decisivo, porque o desenvolvimento chegou a 13% do PIB, uma média de 13%, e também para que a União Soviética pudesse ganhar a Segunda Guerra Mundial. Vejam que pelos caminhos tortos se chega também a uma situação como essa.

Então, isso não surgiu por acaso. Surgiu como força de uma circunstância histórica determinada, que era excepcional. Os Estados Unidos, na época de Roosevelt – ele foi eleito quatro vezes seguidas, e, se não morresse, ia ser eleito pela quinta vez, para você ver a excepcionalidade daquele período... E não se vê isso do lado da União Soviética. Por isso que eles optaram por esse caminho acelerado, para modernizar rapidamente a União Soviética.

No entanto, após a Segunda Guerra Mundial, já pelo final da década de 60, as instituições econômicas e políticas de antes que levaram a essa modernização foram se revelando esgotadas diante de uma nova etapa. Essa nova etapa após a Segunda Guerra Mundial já era outra etapa. E aí, camaradas, e aí, amigos, é que acho que houve, digamos assim, a questão maior: eles mantiveram a mesma etapa, como se estivesse tudo como a etapa anterior.

No plano econômico, as exigências do desenvolvimento intensivo passavam a ser prioridade e no mais extensivo aumento da produtividade das empresas instaladas. Surgiu aí o que a gente chama da encruzilhada tecnológica, a encruzilhada da inovação. Essa defasagem em que eles não conseguiram encontrar ou se adaptar a essa nova etapa, acentuou-se a partir da década de 80, apesar dos grandes êxitos da

União Soviética ainda nesse período – o primeiro que lança o homem no espaço: Gagarin etc... etc...

Mas começou a haver um declínio da taxa da produtividade comparativamente com a Europa e com os Estados Unidos, sobretudo com os Estados Unidos.

Então, a partir daqui, começou a haver, exatamente, essa defasagem, esse declínio no plano econômico. No plano político, companheiros, também era outra etapa: existia a exigência do reforço da soberania do povo e sua maior participação política, de definir melhor o Estado Socialista de Direito, a fim de uma estabilidade política mais duradoura, que é outra encruzilhada, que é a encruzilhada da democracia.

Essas duas encruzilhadas da tecnologia e inovação e a encruzilhada da democracia, é a partir daí, sobretudo da década de 80, que eles não compreenderam essa nova etapa e não conseguiram responder a essas duas encruzilhadas, e começou a haver um processo de declínio, portanto, até o colapso em que levou a União. Fiz aqui um resumo muito rápido, companheiros, para mostrar, portanto, como a coisa se desenvolveu dentro da nossa concepção.

Queria entrar agora, companheiros, na questão que o PCdoB levanta e nossa fundação levantam. Como temos dito, o socialismo nasceu no século anterior. E agora no século XXII? Agora no século XX estamos diante de uma nova luta pelo socialismo, porque ele nasce no século anterior. Ele se desenvolve, ele vai ter que se desenvolver, ele vai ter que enterrar o capitalismo! Portanto, o século XXI começa a ser marcado pela nova luta, pelo socialismo. É assim que compreendemos.

Quero dizer para vocês, dentro dessa nova luta pelo socialismo, algumas questões que são importantes. Existem, sim, uma luta e um processo de socialismo contemporâneo. Os dilemas decisivos – esses a que me referi: econômico, político – para a transição ao socialismo, têm hoje nas experiências chinesas, desde 1978, na experiência vietnamita, desde 1986 e, mais adiante, agora, desde 2011, na experiência cubana, alternativas próprias que conseguem superar os impasses e dará materialidade ao socialismo na atual quadra histórica.

Por que se desconhece isso? Vamos debater essa questão! Alcança esses países, não só a China, que é a mais citada, mas, por exemplo, o Vietnã, e mais recentemente Cuba? Altos índices de desenvolvimento das forças produtivas, se distanciando do modelo soviético, que foi, para um período, excepcional –, eu repito sempre, um modelo soviético que foi, para um período, excepcional – e abre caminho abre caminho na transição socialista atual capitalista capitalista, incorporando formas contemporâneas.

A República Popular da China foi quem deu os primeiros passos para a configuração, a transição ao socialismo na época atual, depois de 30 anos de busca de alternativa de construção do sistema socialista nesse país. E eles levaram 30 anos –, eles mesmos é que dizem – fazendo zigue-zague.

Exatamente depois desses 30 anos, a partir de 1978, é que se abre caminho para a fase atual. A China encontrava a saída, portanto, em 1978, com a linha política de

reforma e abertura de Deng Xiaoping, após quase uma década de instabilidade e turbulências provocada pela revolução cultural.

Deng Xiaoping, de forma análoga, guardadas as diferenças históricas, retoma em termos gerais os princípios e as práticas que haviam orientado a NEP de Lênin na União Soviética na década de 20. Ele retoma um pouco. Ele retoma um pouco aquilo que eu dizia que era aquela alternativa de capitalismo de Estado que Lênin propôs no início da União Soviética. Ele volta mais ou menos a isso, àquele espaço, àqueles princípios, evidentemente conforme à particularidade da China, que resultaram nessas reformas que têm sido impressionantes como vêm acontecendo. Trata-se de trajetória, no caso da China, prolongada e sustentada de desenvolvimento sem precedentes na história moderna. Seus resultados marcam profunda transição atualmente em curso na ordem mundial: poder ascendente da China no sistema internacional.

Hoje, uma característica do sistema internacional, ao nosso modo de ver, na nossa apreciação, é o surgimento de novos polos de poder. E no centro desses polos do poder está exatamente a China. Nesse caminho, seguindo pela China, ela estruturou um amplo e sólido sistema nacional de desenvolvimento tecnológico e inovação, para acelerar a disseminação do progresso técnico na sua economia, elevou sua produção científica, quebrou o monopólio tecnológico dos Estados Unidos em pouco tempo histórico. Isso é um acontecimento gigantesco.

Aí, companheiros, chegou-se a essa fase atual em que se debate essas experiências contemporâneas, que se chama hoje, num conceito que se desenvolve, de etapa primária do socialismo e sua evolução. Compreender a construção do socialismo na atualidade, no curso histórico, tanto nas experiências atuais quanto nas passadas, reside no fato de um socialismo existir e operar dentro dos marcos de uma economia internacional hegemônica pelo capitalismo e seus monopólios produtivos e financeiros. Ou seja, essas experiências socialistas não surgem no país capitalista mais desenvolvido, no núcleo desse capitalismo mais desenvolvido. Surgem exatamente em países atrasados, cercados de capitalismo.

Não se compreender essa realidade nessas experiências concretas do socialismo é não entender praticamente a questão nodal. Por isso mesmo o socialismo irrompe, desde o início do século XX, em sociedades capitalistas relativamente atrasadas. Isso impõe – para mim, companheiros, é muito importante essa compreensão – às forças dirigentes revolucionárias a tarefa primária de criarem e desenvolverem a riqueza material. A primeira grande tarefa é desenvolver a riqueza material por não poderem ainda socializar essa riqueza material, inexistente. Eu vou socializar uma riqueza material inexistente? Por isso a centralidade do desenvolvimento, nessas experiências iniciais do socialismo, são as forças produtivas. Essa é a questão central. Porque se você não desenvolve a base material dessa sociedade, você não vai poder avançar no socialismo. E pode acontecer o quê? Querer socializar a pobreza? Socializar a miséria? Isso não é a concepção marxista.

O avanço do conhecimento nas presentes experiências, companheiros, nesse processo de transição e marcha, no mundo, reativou o debate da questão da construção do socialismo e suas etapas. Por isso mesmo a centralidade econômica ocupou um papel decisivo, como as formas de democracia socialista. Essa é a questão

das experiências atuais. A essência desse sistema de transição socialista é a planificação de médio e longo prazo, o controle pelo Estado do desenvolvimento, a expansão ainda do mercado e da divisão social do trabalho. É um mercado conduzido pelo novo Estado, pelo Estado de democracia popular. A diferença está aqui.

Essa etapa inicial de transição socialista vem sendo caracterizada como etapa primária do socialismo, que exige rápido desenvolvimento das forças produtivas, sendo assim a constituição de uma economia socialista de mercado, que é o que caracteriza essa fase primária do socialismo.

Por isso, companheiros, eu citei também um pouco, rapidamente e resumidamente, as questões candentes, questões teóricas importantes da discussão do socialismo contemporâneo, caracterizando, sobretudo, essa etapa chamada de etapa primária do socialismo.

Para concluir, para vocês terem uma ideia, essa etapa primária, no caso da China, que é a mais avançada, tem uma fase superior. Eles caminham agora pela fase superior que, caracterizadamente, é a centralização do grande capital estatal em grandes conglomerados empresariais. A China tem hoje 149 desses grandes conglomerados estatais, prontos para a tarefa de execução de grandes empreendimentos do Estado. A economia passa a ser dirigida – a partir de certo momento, nessa etapa atual da transição –, por grandes conglomerados estatais coordenados pelo Estado.

E a segunda questão, criação de mecanismo de coordenação e socialização do investimento. Nenhum espaço para rentismo. Na China não existe nenhum espaço para rentismo. A coordenação – no sentido de socializar o investimento, mesmo de empresas privadas – é planejada, coordenada e ajudada pelo próprio Estado. Então, esse conjunto dessas duas medidas é exatamente um resumo dessa etapa atual, dessa etapa superior à etapa primária do socialismo.

Por isso mesmo, companheiros, eu concluiria dizendo o seguinte: Compreende também nos marcos da nova luta pelo socialismo – aí eu queria frisar essa questão – a atualidade dos projetos nacionais de desenvolvimento, conduzido por Estados nacionais poderosos. Companheiros, a questão de um projeto nacional de desenvolvimento, conduzido por um Estado nacional soberano e poderoso, é a grande questão da época atual no nosso modo de ver. (Palmas) Sobretudo para países como o Brasil, que se encontra na periferia do sistema. A questão da soberania, a questão nacional passa a ter um peso decisivo. Por que a China é hoje uma grande potência mundial, um Estado nacional soberano e poderoso? Por que a Rússia volta a ter esse grande papel na geopolítica mundial, um Estado nacional soberano e poderoso? E por que, no campo deles, eles também têm poder? Porque os Estados Unidos são um Estado nacional soberano e poderoso. E também no campo deles, eles têm poder. Os Estados Unidos são um Estado nacional que tem, sim, sua soberania, é poderoso e, por isso, é uma potência mundial. E por que a Alemanha, na União Europeia, tem esse papel decisivo? Porque a Alemanha também é um Estado soberano e poderoso.

Essa compreensão, companheiros, da necessidade de um desenvolvimento nacional tendo no centro um Estado com essa característica é a grande questão da

época atual. A questão nacional volta para o centro, sobretudo, com a crise da globalização financeira. Esse é o ponto!

Por que os países da Ásia, companheiros, têm também alcançado esse nível de desenvolvimento e de certo prestígio e poder com um projeto nacional? A Índia é um Estado nacional também, companheiros, soberano, e se desenvolve a 8%, 9% ao ano. Por isso eu remeto essa questão mostrando que isso faz parte, também, da luta ou da nova luta pelo socialismo.

Por isso mesmo o PCdoB, no seu programa, desde 2009, mostra que a alternativa é um novo projeto nacional de desenvolvimento para o Brasil como caminho estratégico para a gente alcançar a transição ao socialismo. Esta é a compreensão do PCdoB: esse novo projeto nacional de desenvolvimento com base no aprofundamento da democracia e do progresso social levando em conta, sobretudo, a soberania do País, da nossa independência. Essas são questões básicas, além do que foi inaugurado pelo primeiro governo Lula, ou seja, a integração com os nossos vizinhos, a integração com o nosso entorno. E hoje a gente volta à situação anterior, de costas para os nossos vizinhos.

Por isso, companheiros e companheiras, na fase atual, na qual nós temos de enfrentar uma situação difícil, uma grave crise que vive o Brasil, se nós ficarmos só no curto prazo, no curto “prazismo”, sem ver alternativas de médio e longo prazos, sem ter perspectiva maior, vamos ficar rodando no mesmo lugar, submetidos ao programa deles, à implantação da ordem deles, que é antipovo, antidemocrática e antinacional.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Fabrício Falcão):- Gostaria de registrar as seguintes presenças: Bete Wagner; Nilton Vasconcelos, ex-secretário do Trabalho; Elias Dourado, presidente da Sudesb; Péricles de Souza, ex-presidente do PCdoB; Alfredo Boa Sorte; Paulo de Reis, prefeito de Caetanos, do PCdoB; Renildo Souza, ex-presidente do PCdoB; Olival Freire, também.

E também quero parabenizar os gabinetes de Bobô, de Zó e o meu, nas pessoas de Hêlvio e Iara, que ajudaram a organizar esta importante sessão especial. (Palmas) Também devo dizer a todos que pedirei cópias desta sessão à *TV Assembleia* e as manterei no gabinete; poderemos enviá-las para o partido, para as entidades aqui presentes e para quem quiser.

Teremos mais três falas aqui para depois irmos à sessão de autógrafo com Renato.

O Sr. PRESIDENTE (Fabrício Falcão):- Com a palavra, por 3 minutos, o presidente estadual do PCdoB, deputado federal Davidson Magalhães. (Palmas)

O Sr. DAVIDSON MAGALHÃES:- Bom dia a todos.

Exmº. Líder da nossa Bancada, deputado Fabrício Falcão, na sua pessoa e na do deputado Zó parabenizo a Bancada do PCdoB por esta iniciativa de comemorar os 100 anos da Revolução Russa. O deputado Bobô não está aqui presente.

Queria registrar que a nossa Líder da Bancada federal, deputada Alice Portugal, está fazendo a gravação do programa nacional do partido, em Pernambuco, e não pôde estar presente.

Companheiro Daniel, colega da nossa Bancada e todos da Mesa, vou saudá-los, nestes 3 minutos, na figura do deputado Marcelino Galo, do PT, partido aliado do nosso; e saúdo todas as mulheres na pessoa da nossa secretária Julieta Palmeira, que é geriatra, mas é ideóloga do socialismo. (Risos) (Palmas)

Companheiros e companheiras, camaradas, gostaria de registrar nesta oportunidade que exatamente em 1871 a classe operária tomou Paris de assalto, “tomou o céu de assalto”, como dizia Marx. Mesmo sem as condições objetivas para o desenvolvimento e a consolidação de um poder operário, essa iniciativa foi saudada como uma experiência rica para a construção da luta da classe operária.

Nós estamos aqui comemorando os 100 anos da Revolução Russa no momento em que grande parte do povo brasileiro, grande parte das forças de Esquerda e revolucionárias do mundo se encontram numa certa perplexidade da falta de alternativas ou de perspectivas.

Saúdo todos os militantes do PCdoB da Bahia na figura do nosso camarada Péricles, que é um dos organizadores do nosso partido aqui no Estado. (Palmas)

Pois bem, quero dizer que, neste momento de perplexidade, de falta de perspectiva, mirar o horizonte histórico é muito importante, como muito bem fez aqui Péricles. Porque, se nós pegarmos do ponto de vista da história, 71 anos antes de Cristo houve um movimento em Roma, a Revolta de Espártaco, contra o sistema escravista, que apresentava exatamente o seu esgotamento. E esse esgotamento só foi se evidenciar no século V depois de Cristo, com o fim do Império Romano do Ocidente, e do século XV depois de Cristo, com o fim do Império Romano do Oriente.

E assim os 100 anos da Revolução Russa representam – a partir das contradições que levaram à sua existência, à existência do ideário socialista – a perspectiva da construção de uma luta real, pois está cada vez mais evidente que o capitalismo, quanto mais amadurece e se desenvolve, mais mostra, do ponto de vista histórico, o seu esgotamento.

Como bem disse aqui Renato, a quarta Revolução Industrial é uma demonstração clara do seu esgotamento histórico. Nós estamos vivendo exatamente a fase dessa limitação.

E manter viva a bandeira do socialismo é manter viva a bandeira da esperança da humanidade, porque sem o socialismo teremos a barbárie. E é isso que nos move no Partido Comunista do Brasil, o partido mais antigo da história do nosso País, a construir e a continuar sua militância, analisando a realidade, as suas dificuldades, mas fitando o horizonte do fim da exploração do homem pelo homem.

Portanto, viva a Revolução Russa!

A Revolução Russa foi derrotada, mas a experiência e a construção e as experiências socialistas que vieram como consequência dela estão demonstrando na atualidade a sua força e a sua vitalidade com experiências como o Vietnã, a China. E ainda vamos aprimorar ainda mais essa experiência.

Temos aqui, na América Latina, a brava e histórica resistência do povo cubano.

Viva a Revolução Russa! Viva o Partido Comunista do Brasil! Viva o socialismo. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Fabrício Falcão):- Queremos saudar o Dr. José Alberto Hermógenes, ex-dirigente do Sindimed; Everaldo Augusto, ex-vereador de Salvador; Marluce, ex-vereadora de Ilhéus; Dani Costa, secretária estadual de Organização do PCdoB.

Passo a palavra para o nobre deputado federal, ex-presidente do PCdoB, Daniel Almeida, pelo tempo de até 3 minutos. (Palmas)

O Sr. DANIEL ALMEIDA:- Cumprimento o presidente desta sessão, deputado Fabrício Falcão; o deputado Zó; o deputado Bobô, que não pôde comparecer, mas está sintonizado com a realização deste evento; a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, que marca com esta sessão esse acontecimento extraordinário da vida da sociedade, da civilização humana; o deputado Marcelino, e todos os membros dessa representativa Mesa: Pascoal, Natália, Natan, Aladilce, nosso presidente Davidson Magalhães, Julieta, nossa camarada Cecília Petrina, nossa prefeita, Ângela, Barretinho e o nosso camarada Renato Rabelo.

Renato deu, aqui, uma aula. Devemos aproveitar essa abordagem para estimular um debate tão necessário na sociedade brasileira, que procura resgatar a trajetória desse acontecimento que marcou o século XX e que está a cada dia mais presente.

O vereador Binho, de Camaçari, acaba de chegar, e honra ter um assento na Câmara de Vereadores de Camaçari depois de 20 anos.

Mas quero dizer que esse acontecimento marcou a trajetória da civilização humana.

Renato pôde, aqui, fazer um resgate de todos os momentos das trajetórias, os percalços, os elementos que compõem essa rica experiência, mas, fundamentalmente, levantando a conexão que isso tem com o momento político e com a realidade do nosso País. Acho que isso é essencial para que possamos compreender a necessidade de que, ao abordar a crise do capitalismo, que é uma crise cíclica, que a cada momento procura encontrar as alternativas para aprofundar a crise do capitalismo, ao abordar isso, enxergarmos quais são as saídas da atualidade, as saídas inovadoras para colocar o socialismo como caminho alternativo. E isso levando em conta os aspectos que fazem parte da conjuntura brasileira num momento de desmonte do Estado nacional e da democracia no patamar que alcançamos, com todos os limites que verificamos neste instante especial da vida nacional, em que o desafio é preservar um

mínimo de estrutura de Estado que conquistamos nessa sanha de privatização que estamos verificando. Então, é preciso criar as condições para que essa resistência permita que o País se mantenha na possibilidade de um novo projeto nacional de desenvolvimento. E somente os trabalhadores, somente uma nova classe pode conduzir, numa ampla aliança, a construção desse processo, desse caminho.

Parabéns, Renato. O Renato citou aqui o João Amazonas. Mas eu não tenho dúvida: poucos têm a capacidade de elaborar, de formular politicamente, ideologicamente, teoricamente sobre o momento político deste País quanto Renato Rabelo. Ele é o nosso grande orientador, inspiração e formulador para os desafios que o Brasil está vivenciando.

Parabéns à Assembleia Legislativa! Parabéns, Renato!

Viva o socialismo! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Fabrício Falcão):- Depois da excelente fala do deputado Daniel Almeida, com a palavra a Exm^a Sr^a Ângela Guimarães, presidenta da Unegro, para falar pelo tempo de até 3 minutos. (Palmas)

A Sr^a ÂNGELA GUIMARÃES:- Bom dia a todas, a todos. Nas pessoas dos deputados Fabrício Falcão e Zó, quero parabenizar esta Casa pela pertinência de receber uma sessão solene dessa importância, celebrando o legado histórico dos 100 anos da Revolução Russa.

Quero saudar toda a Mesa, a nossa secretária de Política para as Mulheres, Julieta Palmeira, e quero também, além de saudar, agradecer ao nosso querido Renato Rabelo pela grande aula no tempo sucinto que foi possível termos hoje.

Acredito que muitos já falaram sobre a importância e a magnitude dessa que é a maior experiência para a humanidade, para os povos do mundo, para todos os trabalhadores. A Revolução Russa não durou sequer um século, mas as suas conquistas, o avanço que ela representou, continuam inspirando a classe trabalhadora e os povos de todo o mundo.

Hoje, vivemos essa situação de grave crise do capitalismo, e as expressões disso na vida do povo têm representado uma verdadeira tragédia econômica e social sem precedentes, muitas vezes. Infelizmente, esta própria Casa tem sido representativa disso.

A Revolução Russa representou avanços nos direitos da classe trabalhadora, representou a experiência mais avançada na direção da igualdade de gênero e de conquista para as mulheres, de igualdade salarial, de avanço das mulheres na estrutura social.

E nos deparamos, nesta Casa, com a supressão da possibilidade de um Poder político laico quando vemos, às nossas costas, a expressão de uma representação violenta, de uma imposição religiosa que estamos vivendo aqui. Ao lado disso, o que estamos vivendo em todo o mundo denuncia a falência e a necessidade de superação

histórica do capitalismo. Em pleno século XXI, um século onde a tecnologia deveria representar para os povos do mundo menos opressão, menos exploração do seu trabalho, mais possibilidade de vivência plena dos nossos direitos. E o que vemos é justamente o contrário, o capitalismo tem representado o fim das democracias, a derrubada das democracias, sobretudo aqui na América Latina; tem representado uma maior exploração de trabalhadores e trabalhadoras; desemprego; recrudescimento de todas as formas de violência e ascensão do fascismo.

Então, as ideias da Revolução Russa que animaram a luta pela libertação dos países africanos nas décadas de 60 e 70; que animaram os ideais da Revolução Cubana; que animaram as vitórias democráticas dos povos latino-americanos nos anos 1990 e início dos anos 2000 seguem mais atuais do que nunca. O capitalismo não tem nada a oferecer à humanidade. É socialismo ou barbárie, sim! E, neste momento histórico aqui no Brasil, a urgência e a necessidade de reunirmos uma grande, ampla e plural frente para barrar esse programa ultraliberal implementado pelos golpistas coloca sob a responsabilidade do Partido Comunista, dos partidos progressistas, a urgência de levar as informações, de levar o legado da Revolução Russa ao povo. Não podemos nos contentar com a história que é contada pela historiografia oficial ou pelos meios de comunicação monopolistas. É necessário levar os ideários de um mundo, não só de um país, mas de um mundo, com liberdade, com direitos de trabalhadores, com igualdade de gênero, com felicidade para os povos, para todos os povos do Brasil e do mundo.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

Sr. PRESIDENTE (Fabrício Falcão):- Depois de termos escutado a última oradora inscrita, vamos escutar o Hino da Bahia, peço que todos fiquem de pé.

(Execução do Hino da Bahia.)

O Sr. PRESIDENTE (Fabrício Falcão):- Em nome do Poder Legislativo da Bahia agradeço a presença de todos e declaro encerrada a presente sessão. Vamos ao saguão para o lançamento do livro e um momento de autógrafo com o nosso camarada Renato Rabelo.

Um abraço a todos e uma boa tarde.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.